

Fernando Pessoa

[Carta a Ophélia Queiroz — 24 Set. 1929]

Ora a minha Vespa, ...

Ora a minha Vespa, que aliás será vespa mas não é minha, vai-me dizer o que lhe há-de escrever, que lhe seja agradável, uma criatura cuja inteligência caiu algures na Rua do Ouro, cuja lucidez ficou debaixo de um camião ao virar para a Rua de S. Nicolau e o resto exactamente.

A minha (?) pequena Vespa gosta realmente de mim? Porque é que tem esse gosto estranho pelas pessoas de idade? Na sua carta diz que lhe custa a aturar umas tias, que aliás o não são, de 80 e tal e 50 e também; então como quer pretender que atura de bom grado uma criatura de idade semelhante e que nem sequer pode ser tia, pois, salvo melhor opinião, para essa profissão costuma ser indispensável ser mulher. Quando se é tia, é claro, tem que se ser duas mulheres, ou mais. Ora eu, até agora, consegui ser apenas um tio, mas só da minha sobrinha, que (é curioso) me trata por «tio Fernando» pelas circunstâncias (1ª) já exposta, de eu ser tio dela, (2ª) de eu me chamar (recorda-se?) Fernando, (3ª) de ela não pronunciar a letra R.

Visto que diz que me não quer ver e que lhe custa querer não me querer ver, e que quer que eu lhe telefone, porque ao menos telefonar é não estar presente, e que lhe escreva porque escrever é estar a distância, então, Vespa que não é minha, eu telefonei-lhe já e estou lhe escrevendo, ou, posso dizer, já lhe escrevi, pois vou acabar aqui mesmo.

Estou preparando a pasta preta para a levar nela. Ouviu?

Queria ir, ao mesmo tempo, à Índia e a Pombal. Curiosa mistura, não é verdade? Em todo o caso é só parte da viagem.

Recorda-se desta geografia, Vespa vespíssima?

Fernando

24/9/1929

24-9-1929

Cartas de Amor. Fernando Pessoa. (Organização, posfácio e notas de David Mourão Ferreira. Preâmbulo e estabelecimento do texto de Maria da Graça Queiroz.) Lisboa: Ática, 1978 (3^a ed. 1994): 40.